



OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES COM CRIANÇAS COM AUTISMO NA SALA DE AULA

Fernanda Carla Ferreira De Araujo¹
Gessicleide Maria Barbosa²
Maíra Fernandes Martins Nunes³

RESUMO

O presente trabalho, denominado de ‘Os Desafios Enfrentados pelos Professores com Crianças com Autismo na Sala de Aula’, tem como proposta o de investigar sobre como os professores do sistema educacional brasileiro enfrentam os desafios no que se trata de atuar com alunos autistas no ambiente escolar. Explicaremos de maneira sucinta as dificuldades e anseios enfrentados pelos profissionais de educação no atual contexto educacional brasileiro que se inicia desde quando se encontra na postura de estudante de licenciatura, até o ingresso no mercado de trabalho, assim como também os desafios enfrentados em sala de aula com alunos autistas. Esta pesquisa tem como objetivo analisar as dificuldades que são vivenciadas pelos professores no ambiente escolar a partir da convivência com estudantes autistas. Tendo em vista que, muitos educadores são preparados para darem apenas aulas, e não a lidarem com a possibilidade de trabalhar com alunos que possuam algum tipo de condição, como o TEA, por exemplo. Para isso, tomamos como subsídio para a construção desta pesquisa vários estudiosos que abordam a questão dos desafios enfrentados pelo educador com crianças autistas no ambiente escolar, configurando em uma pesquisa de revisão bibliográfica. A partir de artigos sobre a temática, visto que, apesar das inúmeras discussões referente ao assunto, ainda há muito a se fazer para que possamos proporcionar a este público um bom ensino-aprendizagem. Após as diversas leituras, obtivemos como possível resultado, a importância que se deve ter em trabalhar com o tema da educação inclusiva desde a graduação, visando prepará-lo para o mercado de trabalho, tornando-o um profissional mais preparado para lidar com os desafios da sala de aula. Por fim, acreditamos que esta pesquisa traz boas contribuições para que possamos refletir sobre o papel do professor na atual educação brasileira, buscando ressignificar e melhorar nosso trabalho para as futuras gerações.

Palavras-chave: Autismo, Educação, Desafios, Professor x Aluno

INTRODUÇÃO:

¹ Graduada do curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Pós-graduada em Novas Tecnologias Educacionais, Metodologia do Ensino de Língua Espanhola e Pós-graduada em MBA em Propaganda, Marketing e Comunicação da Faculdade IBRA, e graduanda do curso de Comunicação Social/Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, fernandacarla2013.2@gmail.com

² Graduada do curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, graduanda do curso de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba -UEPB, gessicleide.2000@gmail.com

³ Orientadora e Docente do curso de bacharelado em Comunicação Social/Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), prof.mairanunes@gmail.com



Sabemos que a educação é um direito universal garantido por lei, não importando sua classe social, origem, cor, sendo ela típica ou atípica, todas elas têm o direito de ter o acesso a uma educação digna e de qualidade para que assim ela possa exercer seu papel de cidadão perante a sociedade, na qual está inserido.

No entanto, com a evolução dos tempos, essa questão tem sido bastante questionada no ambiente educacional, visto que alguns profissionais da educação visto que ainda alguns profissionais da educação se mantêm leigos diante da diversidade que os cercam e assim se mantendo resistentes ao processo de inclusão em sala de aula.

Sendo assim, uns dos casos que vem crescendo atualmente são os de crianças que apresetam o transtorno do espectro autista (TEA), que se caracteriza por ser um distúrbio do neurodesenvolvimento cujo apresenta manifestações corporais, déficits de comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. De acordo com Silva (2018, s/p):

O Transtorno do autismo compõem um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento que apresentam condições específicas de atraso, no início do desenvolvimento infantil, antes do ingresso da criança na escola, e o acompanham ao longo de sua vida. (SILVA, 2018, s/p)

A vista disso, a criança com TEA sofre alguns prejuízos nas 3 áreas básicas do desenvolvimento humano, tais como: a sociabilidade em relação à interação para com as outras pessoas, a comunicação e linguagem, flexibilidade mental que causam a reprodução repetitiva de uma determinada atividade.

Dessa forma, a formação do conhecimento desse estudante vai ser construída de forma bastante específica, assim sendo quanto mais for diverso e rico o ambiente na qual ela aprende mais favorece o estímulo a aprendizagem do autista. entretanto não basta serem apenas estímulos isolados, onde não se possa construir significado concreto, mas sim a qualidade do estímulo que estão sendo passado para ela. Pois o ambiente e as experiências oferecidas são de suma importância para o processo de ensino e aprendizagem dessas crianças atípicas mesmo com todas as suas limitações.

No entanto, isso ocasiona dificuldades aos professores que não tem uma formação específica para saberem lidar com essas crianças, gerando prejuízos no processo de ensino e aprendizagem desses indivíduos e assim tornando a inclusão ainda mais difícil para ambos os envolvidos.



A vista disso, como pode-se pensar em incluir se ainda os professores conhecem tão pouco sobre o transtorno do espectro autista e o ambiente institucional não oferece um suporte adequado para estes professores se capacitarem e aperfeiçoar sua didática em relação a o processo de aprendizagem dessas crianças como também terem um auxílio de outro profissionais para colaborar na formação desse indivíduo.

Por consequência disto, são muitos os desafios enfrentados pelos professores com crianças atípicas em sala de aula, sendo um deles não ter o preparo adequado para lidar com a aprendizagem deles em sala de aula, deixando este momento enfadonho e desgastante dentre outros fatores que ao longo deste artigo iremos discorrer para que assim possa contribuir de forma significativa no processo de inclusão do autista em aula e deixar estes momentos mais leves e prazerosos tanto para professor quanto para os alunos, favorecendo assim um ambiente mais inclusivo e fazendo-se valer o direito à educação previsto na constituição.

METODOLOGIA

A investigação deste trabalho tem como base os estudos realizados por diversos teóricos que estudam esta temática das dificuldades vivenciadas pelos professores no atual contexto educacional com relação ao atendimento de estudantes com o espectro autista, e que foram encontrados em diversos artigos que foram analisados para a construção de nossa pesquisa.

Tendo em vista que, embora haja uma discussão quase que diária referente à educação de pessoas com o TEA, todavia, nossas escolas ainda não estão preparadas para atender este público, e muito menos as universidades preparam os futuros professores para isso. Levando o profissional a ir para o campo de trabalho com pouquíssimas experiências no assunto, o que deixa-o em suas mãos com muitos desafios que precisam ser enfrentados.

Teremos para este trabalho como corpus de análise e apoio para nossa investigação o estudo de pesquisas sobre os desafios que tanto professor como a comunidade escolar como um todo enfrentam com relação à educação e à inclusão de alunos com autismo no ambiente escolar. Tendo em vista que mesmo com muitas discussões e aberturas no meio educacional para abordar este assunto, ainda há muito o que se fazer para atender este público, que cada vez mais se faz presente nos ambientes educacionais e que precisam de nossa total atenção e cuidado.



Para ajudar com esta análise, confiamos nas palavras de Sousa e Sousa (2015, p. 13), Kanner (1996), Camargo et.al. (2020), Mapelli et. al. (2018), Fernandez; Neces; Scarafici (2004); Castro (2021, p. 87), Kelman et. al. (2010, p. 226), Ramos (2019), Martins (2016), INEP (2019), e Rivière (2004, p. 234), que como já foi dito anteriormente estudam a questão do autismo no ambiente escolar e as dificuldades perpassadas pelos professores.

Tendo em vista que nos últimos tempos houve um crescimento significativo de estudantes autistas nas escolas, e também devido a necessidade de proporcionar a eles uma educação inclusiva e um bom ensino-aprendizagem de qualidade para melhorar seu desenvolvimento. Além do que mencionamos anteriormente. Ao qual pretendemos mostrar um pouco sobre a importância da inclusão de alunos autistas na escola, e como a comunidade escolar lida com esta questão.

Para isto, em princípio, na construção desta pesquisa tomaremos como referência teórica além dos autores já citados anteriormente, os seguintes estudiosos: Oliveira, Amorim e Belo (s/d, p. 2), Schwartzman (2011, p. 37), Gómez (2014, p. 563), Silva (2012, p. 109), Santos e Grillo (2020, p. 85), Brasil (2007, p. 5), Cunha (2016, p. 23) e Brasil (1998, p. 36), como forma de ampliar ainda mais nosso enfoque sobre os desafios enfrentados pelos professores no atual contexto educacional brasileiro, com isso, a partir dos textos analisados nossa pesquisa se encontra inserida na pesquisa do tipo qualitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo do tempo muito se tem discutido sobre a importância da inclusão no ambiente escolar, principalmente nos dias de hoje, assim como também as dificuldades que há por detrás disso, visto que, nem o professor e tampouco a escola é preparada para saber lidar com a TEA e outras condições. Assim como também não tem o preparo para lidar com outros questionamentos, tendo em vista que tem em sua base preceitos tradicionais, que ainda são replicados nos cursos de licenciaturas, e levados para a sala de aula.

Durante a graduação dos cursos de licenciaturas, aprendemos desde as disciplinas comuns até as específicas, a qual a partir delas podemos ter a noção do que vamos enfrentar na sala de aula. E ao estudar os conteúdos necessários para a formação do estudante somente tem o contato com os conteúdos e pouco contato com meios que o deixem preparados para assumir desafios, isto é, saímos para o mercado de trabalho com boas referências teóricas,



mas no entanto, com uma certa deficiência no que se refere a determinados assuntos, como o autismo, por exemplo. Entretanto, mesmo que o futuro professor tenha uma boa base sobre este tema, todavia somente saberá como abordar isso apenas na prática.

A partir disso, muitos profissionais, ao se depararem com tais dificuldades, buscam por mudanças para o meio escolar ao tentar incluir alunos com autismo, procurando uma forma de desenvolver meios para a adaptação do aluno e da escola, que precisa fazer uma adaptação de seu currículo, de seus conhecimentos, da rotina escolar, da metodologia, assim como também os métodos pedagógicos utilizados para que possa desenvolver as habilidades de seu aluno de forma adequada.

Através destas discussões, percebemos que mesmo que haja diversas discussões sobre o tema, o sistema educacional ainda traz consigo muitos desafios, um deles é como capacitar o professor e quais meios utilizar. Um outro ponto, é com relação a ter um espaço dedicado para as atividades e também de profissionais capacitados para atender os estudantes especiais. Foi Kanner (1996), o primeiro pesquisador a fazer uma descrição do quadro clínico, o qual fez a nomeação do autismo precoce na fase da infância, e com isso, publicou sobre o assunto em 1943.

Nas escolas espalhadas pelo Brasil, podemos ver que é cada vez mais comum o aparecimento de alunos com alguma condição especial, dentre elas temos o TEA (Transtorno do Espectro Autista), que é uma síndrome do neurodesenvolvimento que proporciona ao sujeito o atraso no seu desenvolvimento, gerando impactos em alguns aspectos como a: socialização, a criatividade e as decisões, o seguindo desde a infância e que o acompanha por toda a sua vida com possíveis variações. O que faz com que o sujeito perca o interesse em coisas que estejam ao seu redor. Segundo Sousa e Sousa (2015, p. 13), diz que; “Estudos e pesquisas afirmam que a intervenção educacional tem apresentado impactos positivos na aprendizagem, no desenvolvimento e na participação desses alunos.”

Além disso, nota-se que há a presença também do apego que a criança pode desenvolver por algum objeto em específico, assim como o desenvolvimento de comportamentos repetitivos, a dificuldade em ter algum relacionamento com as demais pessoas e até mesmo chegar a ter um desinteresse em se relacionar, com isso optam por ficarem sozinhos.

Também podemos perceber que o contato olho a olho é permeado com pouca emoção, sendo percebido um olhar distante e vazio. E como decorrência destas características, acabam



sendo deixados de lado pelos professores. Referindo-se a isso, Sousa de Sousa (2015, p. 12), faz a seguinte menção: “O isolamento destes muitas vezes é visto com descaso, ou como algo sem jeito. Até muitas famílias desprezam ou deixam estas crianças apáticas isoladas, no seu mundo, sem buscar meios para leva-las a interagir ou à socialização.”

Para o DSM - 5 (2014)⁴, e retomando o que foi discutido anteriormente, os sujeitos que se encontram inseridos na TEA tem como uma das características o interesse pela repetição de algum objeto, assim como também pode apresentar a questão da repetição na fala, conhecida por ecolalia. Por ter apego aos objetos, o autista gosta muito de manter sua rotina, por isso, qualquer alteração no seu cotidiano pode causar muitos incômodos. Tendo isso em vista, tais características podem variar de acordo com o nível de autismo da pessoa, fatores como idade e como se dá o processo de evolução são também levados em conta.

Apesar de muitas discussões sobre o autismo, todavia, não se tem dados precisos, segundo (CAMARGO et al., 2020), cerca de 2 milhões de brasileiros são autistas. Partindo para um nível mais global, a cada 10000 crianças 10 são autistas, sendo o sexo masculino o público com mais destaque (MAPELLI et al., 2018). Mesmo com muitos estudos, e com as características mais definidas, não se tem conhecimento da causa desta condição, mas na visão de FERNANDES; NEVES; SCARAFICCI (2004) apud Castro (2021, p. 87):

(...) acredita-se que sua procedência esteja relacionada com uma determinada falha em alguma parte do cérebro, não muito exata, na qual parte de origem genética. Em alguns outros estudos, acreditava-se que o autismo estava relacionado ao abandono e desprezo materno (FERNANDES; NEVES; SCARAFICCI, 2004 apud CASTRO, 2021, p. 87).

Sabemos que um dos pontos importantes para o desenvolvimento da criança é a comunicação, sendo ela a responsável por fazer com que consigamos compreender o que ela quer. Direcionando a questão da comunicação para crianças autistas, olhamos com mais enfoque pois percebe-se que ela é distinta de outra criança sem o autismo, requerendo o apoio de pessoas especializadas em assuntos da linguagem. Por isso, quando o ambiente escolar é bem preparado o aluno autista só tem a ser beneficiado. Sendo assim, na visão de Kelman, et. al. (2010, p. 226) apud Sousa e Sousa (2015, p. 15), vem dizer que:

Compete à escola adaptar-se para atender às capacidades e necessidades do estudante na classe comum, mobilizando ações e práticas diversificadas que, além do acesso, propicie condições de permanência exitosa no contexto escolar. (KELMAN, et al, 2010, p. 226 apud SOUSA e SOUSA, 2015. p. 15)

⁴ DSM-5 é a abreviação em inglês do livro conhecido como Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, na língua portuguesa é conhecida como Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.



Tempos atrás esta visão era muito comum, pois pouco se sabia o que realmente poderia causar o autismo na criança. Segundo Ribeiro e Marques (s/d, p. 5), no início do século XX, os sintomas do autismo eram confundidos com os da esquizofrenia, por ter como similaridade elementos como a agressividade, repetição de palavras, o isolamento, entre outros.

Na visão do sistema educacional, trabalhar com crianças autistas possibilitou o surgimento da educação inclusiva, ao qual para desenvolver suas características, é adotado uma metodologia específica, lembrando que cada um tem particularidades únicas. E a escola é um ótimo lugar para que o autista possa se desenvolver muito bem, mas para isso, é preciso que haja uma interação entre ela e o professor e permitindo que a adaptação seja dada de forma mútua para ambos. Ramos (2019), opina que:

a inclusão desses alunos na educação visa promover uma instituição de ensino que se adeque a todos os alunos e não o contrário: um determinado aluno portador de características diferentes ou deficiência se adequar a instituição (RAMOS, 2019 apud CASTRO, 2021, p. 88).

Até pouco tempo não havia preocupação em promover a educação inclusiva, isso somente ocorreu a partir da criação de uma lei, e também devido à exposição do tema por parte dos veículos de comunicação que deram uma atenção a este tema. Também não há uma metodologia específica para trabalhar com este público, mas alguns estudos apontam boas evidências que podem ajudar o professor em suas aulas.

Se propondo em trazer um ensino mais especializado, com mais promoção de atendimento adaptado para atender as especificidades de cada um. Parafraseando Martins (2016), ao incluir os indivíduos em um ambiente, estamos fazendo com que eles pertençam ao todo, isto é, que eles sejam parte daquele lugar, e isso, nada mais do que o reconhecimento que lhes é de direito.

Sobre a inclusão do sujeito no ambiente escolar, foi aprovado em 2016 pelo Conselho de Educação um projeto lei do Senado de nº 5055/16, que na opinião de Distrito Federal (2016), tem como objetivo o de promover o ensino inclusivo utilizando uma metodologia que visa atender os alunos com um atendimento qualificado para o ambiente escolar, a fim de atender todas as necessidades do aluno, como também o de atendê-lo a partir de alguns serviços como: ensino de cursos, utilização de metodologias, uso de recursos educativos e também de testes personalizados.

Com relação a isso, ao incluir um aluno autista, no meio educacional traz para os educadores o sentimento de que não vão conseguir dar conta, e isso, gera uma frustração e



sensação angustiante. Nos fazendo lembrar o que mencionamos anteriormente, sobre a falta de preparo com as particularidades do sujeito, mesmo que hoje em dia, haja diversas formações sobre o assunto, que são buscadas por fora, já que pouco se encontra dentro do ambiente universitário, tendo em vista que, na prática, as coisas são muito diferentes do que vemos na teoria.

E novamente trazemos a questão da formação do educador, que durante o período de graduação não tem uma base que enfoque na inclusão de crianças autistas. Da mesma forma que há uma preocupação com a formação do professor e as mudanças que a escola passa, além disso, vemos que nos últimos tempos cresceu muito o número de alunos autistas, e nos faz pensar que trabalhar essa temática é mais do que importante, é necessária e até mesmo urgente. Levando o profissional da educação a sentir a necessidade de se aprofundar na área, mediante a demanda do momento. Tendo isso em vista que:

a quantidade de matrículas na educação especial atingiu cerca de 1,3 milhões em 2019, correspondendo a um aumento de 34,4% quando comparado com 2015. A maior quantidade concentra-se no ensino fundamental, chegando a 70,8% de inscrições na educação especial. Comparando o crescimento de números de registros em 2015 e 2019, é notável que as do ensino médio foram as que mais aumentaram, em um total de 91,7 %. Diante das informações obtidas, o percentual de estudantes com deficiência, autismo ou altas habilidades matriculadas em classes comuns, aumentou gradativamente, para todas as fases de ensino (INEP, 2019 *apud* CASTRO, 2021, p. 89).

Tais números tornam evidente que o atual sistema educacional tem uma alta demanda de estudantes autistas, o que deixa muito claro a importância de se melhorar a formação do professor, que passa por muitas dificuldades ao longo do processo de ensinar. Como já mencionado, tem se cada vez mais buscado pelo tema da inclusão, seja ele dentro do ambiente escolar ou fora dele.

A temática da inclusão é algo recente, tendo em vista que há ainda profissionais que possuem dificuldades em discutir sobre este assunto. Ao voltarmos as discussões para a criança autista, muitos pensam que a mesma é afastada e que faz suas atividades de modo incomum. Chegam até a ver como um sujeito enigmático, com habilidades reduzidas, no entanto, pensar desta forma é algo totalmente errôneo, pelo motivo de que a criança tem características particulares e habilidades próprias, sendo capaz de resolver as atividades diárias como qualquer outra criança.

Nas palavras de Oliveira, Amorim e Belo (s/d, p. 2), o autismo é caracterizado como sendo um conjunto que possui diversos elementos, como socialização, comunicação e



comportamento. Ainda de acordo com os teóricos, o autismo é uma prática complexa que mostra uma alteração que todavia não se tem respostas concretas sobre o mesmo, referente às possíveis causas. Em relação a isso, podemos perceber que:

Apesar da enorme quantidade de pesquisas realizadas durante mais de meio século, o autismo continua ocultando sua origem e grande parte de sua natureza, apresentando desafios e intervenção educativa e terapêutica. (RIVIÈRE, 2004, p.234 apud Oliveira, Amorim e Belo, s/d, p. 2).

Partindo dessa complexidade, compreendemos que para descobrir se uma pessoa é autista ou não, é necessário que haja o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar para que o diagnóstico seja claro, e deve ser ressaltado que ao ter o diagnóstico em mãos, é de ter ciência que esta condição se trata de uma síndrome que não possui cura. Inicialmente é por volta dos três anos de idade que é feito o diagnóstico, no entanto, a partir dos primeiros meses já é possível ter alguma percepção. É possível notar que uma criança tem autismo, quando está em contato com outras crianças, não sabe o que deve fazer para que o contato seja mantido.

O autismo é considerado, atualmente, um transtorno de desenvolvimento de causas neurobiológico definido de acordo com critérios eminentemente clínicos. As características básicas são anormalidade qualitativas e quantitativas que, embora muito abrangentes, afetam de forma mais evidente as áreas da interação social da comunicação e do comportamento. (SCHWARTZMAN, 2011, p.37 apud Oliveira, Amorim e Belo, s/d, p. 3)

Não é somente no campo da educação que há enfrentamento de dificuldades para lidar com crianças autistas, dentro de casa os pais também enfrentam algum tipo de conflito, pois muitos ainda não sabem como lidar e até porque não tiveram algum preparo para tal situação, sendo necessário a busca por apoio a pessoas que possam prestar algum tipo de assistência. Saber de qualquer diagnóstico não é fácil, é preciso ter muita atenção e carinho, e ter o interesse de saber mais sobre o assunto para que possa aprender mais. Pois a presença dos pais durante o processo de diagnóstico é de extrema importância. Referindo-se a isso, fica evidente que:

O papel que, em todos os casos, tem que desempenhar tanto os pais quanto os irmãos e demais familiares, é fundamental além de rodear a criança com uma atmosfera sincera de acordo com o que se sente, é desejável que se envolvam ativamente no tratamento. (GÓMES, 2014, p.563 apud OLIVEIRA, AMORIM e BELO, s/d, p. 4)



Não é nada fácil receber o diagnóstico de qualquer tipo de condição, como o autismo por exemplo, nem ser pais de um ser que a possua, para isso, os pais devem ser bastante pacientes e persistentes, como também ser carregados de amor. Concomitante a isso, deve-se ter o entendimento que cada criança autista possui características próprias e pode variar de sujeito para sujeito, isto é, se uma possui uma determinada característica não quer dizer que a outra vai ter a mesma, e isso a deixa mais marcante. Se referindo ao desempenho dos alunos autistas na escola, Silva (2012, p. 109) apud OLIVEIRA, AMORIM e BELO, s/d, p. 12, vem dizer que:

O desempenho escolar das crianças com autismo depende do nível de acometimento do transtorno. As crianças com um nível mais grave de autismo podem apresentar atraso mental e permanecer dependente de ajuda. As crianças com autismo leve ou somente com traços autísticos, na maioria das vezes, acompanham muito bem as aulas e os conteúdos didático-pedagógicos. (SILVA, 2012, p.109 apud OLIVEIRA, AMORIM e BELO, s/d, p. 12)

Nas palavras de SILVA (2012, p.97), sobre o cotidiano familiar é marcado: “[...] Na realidade, profundas transformações precisam ocorrer no ambiente doméstico para que todos se empenhem em ajudar a criança autista [...]”. Para as pessoas que têm um filho com autista, cada dia é uma página nova a ser escrita, com muitos desafios e receios a serem superados, isso porque alguma forma traz para as pessoas mais próximas carga emocional muito grande, o que para a criança isso pode não ser nada benéfico.

Desafios da inclusão em sala de aula

Desde o final do século XX, tem-se notado inúmeras mudanças no meio educacional a partir da declaração de Salamanca, com a premissa de que o sistema de educação deve ter o ensino pautado na educação igualitária e em repúdio a qualquer tipo de exclusão. Sendo um dever do estado garantir a educação para todos, principalmente a de estudantes com alguma deficiência. Em referência a isso, temos a lei de No 12.764, De 27 de Dezembro de 2012 do Art. 7o que vem dizer que:

O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos. (Lei de No 12.764, De 27 de Dezembro de 2012 do Art. 7o apud).



A educação é um direito básico de todos assegurado por lei, visto que na constituição de 1988 em seu art. 205 diz que: “A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho”, logo independente da sua classe econômica, raça, gênero, etnia, típica ou atípica todos têm o direito social a um ensino digno e de qualidade.

No entanto, mesmo assegurado por lei ainda existem um longo percurso para que isto seja efetivado, visto que o sistema educacional brasileiro ainda apresenta falhas no comprimento desse exercício quando se trata da inclusão da criança autista no ambiente educacional, isto porque ainda o ensino de pessoas com autismo é um tabu, até mesmo a denominação “portador”, continua sendo utilizada.

A escola é um ambiente em que a criança vai para aprender e interagir socialmente e assim desenvolver suas habilidades cognitivas e motoras sendo ela típica ou atípica, a criança atípica é aquela considerada para os leigos a que desenvolveu algum transtorno, síndrome ou distúrbio de aprendizagem dificultando a sua aquisição do conhecimento e assim se tornado um desafio a ser superado em sala de aula. Segundo o artigo 2º das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (DIRETRIZES NACIONAIS, 2001, Art. 2º apud OLIVEIRA, AMORIM e BELO, s/d, p. 5).

Muitos docentes não têm a formação adequada de como lidar com o preparo da inclusão daquele educando no cotidiano escolar e assim acaba por deixar falhas na aprendizagem daquele indivíduo especialmente o autista que nos dias atuais, há grandes incidências de crianças com síndrome do espectro autistas nas redes de ensino. Para a Constituição Federal de 1998, a pessoa com a condição de autismo possui os mesmos direitos que qualquer outra pessoa.

Cabendo assim, um maior preparo por partes dos profissionais da educação na forma de abordar o conteúdo pois o currículo dela não precisar ser necessariamente diferente mas a forma de abordagem sim, visto que, faz toda diferença no processo de ensino e aprendizagem



para com a criança autista, pois a educação é um dos maiores instrumentos para o desenvolvimento dela para com o convívio em sociedade.

Pensando nessa perspectiva de educação inclusiva, Rodrigo Hübner Mendes, superintendente do Instituto Rodrigues Mendes, é referência na promoção de práticas inclusivas, e faz a seguinte argumentação:

No âmbito da educação inclusiva tal perspectiva gera impactos contundentes no modo de pensar o acolhimento das diferenças humanas no ambiente escolar, uma vez que desconstrói o cômodo argumento de que a escola e os professores estão dispostos a atender ao aluno com deficiência desde que ele se adapte ao modelo presente. (...) Além disso, a convenção esclarece que as pessoas com deficiência não devem ser excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência. Ao contrário, devem ter acesso ao ensino em igualdade de condições com os demais estudantes, de modo a conviver plenamente com toda a comunidade escolar. (HÜBNER MENDES, 2020, Pág. 49-50)

Diante desse pensamento, a eliminação de barreiras para com a educação inclusiva e estreitamento de laços, é de fundamental importância para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, uma vez que isso começa na escola onde o educando tem os primeiros contatos com o convívio social e suas respectivas configurações sendo elas negros, pardos, brancos, indígenas, crianças típicas e atípicas dentre outras.

Assim sendo, uns dos pontos que deveriam ser abordados e discutidos nessas instituições deveriam ser a valorização e inclusão do diferente, para que assim elas aprendam a respeitar e conviver com os demais. Mas para que isso aconteça se faz necessário um investimento na área de formação continuada para docente, e em buscar melhores técnicas e evidências sobre o TEA, nos quais ainda se mantém leigos no trato para com estas crianças que apresentam transtornos do espectro autistas dificultando ainda mais o processo de inclusão do aluno na sala de aula. Isso ocorre devido a unicidade na proposta educacional, que promove um único meio para trabalhar com a criança.

Para que o processo de ensino dê certo, é necessário que haja a interação entre os sujeitos (professor e aluno). Isso porque o professor necessita conhecer muito bem seu aluno para conseguir atender suas necessidades, e conseqüentemente desenvolver boas metodologias, objetivando que seu aluno se torne protagonista de sua história, no âmbito escolar e social.

E como fazer isso com alunos especiais, traz para o professor muita insegurança, e como já mencionamos anteriormente, isso se dá justamente pela falta de experiência para lidar com as mais variadas especialidades. Às vezes, por tentar fazer essa inclusão, acaba não



adotando as metodologias adaptadas para a necessidade daquela criança, gerando o contrário de incluir, a exclusão.

Mas devemos entender que essa não é a única dificuldade enfrentada pelos professores, que em sua luta diária passam por diversos obstáculos. No entanto, a questão da inclusão é levantada constantemente e é uma realidade em nossa sociedade. Apesar disso, a inclusão não tem sido algo fácil, pois para isso o sistema educacional precisa perceber e entender as necessidades de todos que fazem parte do meio educacional.

Assim como também, o professor precisa compreender e buscar desenvolver técnicas que visem proporcionar a inclusão, tendo em vista que o preconceito e a discriminação ainda é muito presente nos ambientes escolares e fora dele. Para que o educador proporcione aos seus alunos a inclusão de qualidade e de acordo com a lei no ambiente escolar, tem que ter como ferramenta algumas estratégias como a sua formação, a sensibilidade e também uma boa experiência.

A inclusão é algo que deve ser posto em prática com urgência e com o devido preparo, para que assim o direito dos autistas seja de fato respeitados, isso porque incluir não é apenas por em uma sala de aula e deixá-lo conviver com os demais, é proporcionar que ele vivencie um aprendizado significativo, além de poder desenvolver suas habilidades, e ser um sujeito atuante em sociedade, e nas palavras de Santos e Grillo (2020, p. 86): “Inclusão não é apenas uma presença física, é um sentimento.”, e partindo dessa premissa, Brasil (2007, p. 5) apud Santos e Grillo (2020, p. 85) mencionam que: “A inclusão escolar é uma ação política, cultural, social e pedagógica, com o intuito de garantir o direito a todos os alunos, para que aprendam e participem juntos (BRASIL, 2007, p.5) apud Santos e Grillo (2020, p. 85)”.

Com isso, devemos também entender que para que isso aconteça com urgência é necessária a inclusão imediata nos currículos para que o professor tenha formação de maneira contínua referente às diversas especialidades como o TEA. Em referência a isso, o ambiente escolar deve ser bem preparado para o discente autista, pois é lá onde ele desenvolve suas habilidades. Nas palavras de Santos e Grillo (2020, p. 84), fazem a seguinte colocação:

É preciso promover e incentivar a aprendizagem a todos os alunos, ou seja, que todos os alunos possam aprender juntos sempre que possível, independentemente de qualquer dificuldade e das diferenças que possam apresentar, não podendo tolerar qualquer atitude discriminatória. (SANTOS e GRILLO, 2020, p. 84).

Para o campo da educação, o autismo deve ser tratado com um olhar diferenciado, sendo assim, deve proporcionar ao professor melhorias para a sua formação para que ele



possa estar preparado para dar o melhor que os alunos com autismo necessitam para se desenvolver. E de acordo com Cunha, (2016, p.23) apud Oliveira e Barbosa (s/d, p. 6), vem dizer que:

O autismo tem que ter um olhar pedagógico e sabermos como lidar na escola e como abordá-lo, os sintomas variam muito de indivíduo para indivíduo. Em alguns quadros, há o acometimento de convulsões, já que o transtorno pode vir associado a diversos problemas neurológicos e neuroquímicos. (CUNHA, 2016, p. 23 apud OLIVEIRA e BARBOSA, s/d, p. 6)

Sobre a questão do diagnóstico, apesar do responsabilidade ser de profissionais como o psicólogo e demais especialistas, devido o discente passar mais tempo com o professor, é dele a primeira percepção e o contato com os pais, experts na área e a comunidade escolar sobre a possibilidade do aluno ser autista, e em relação a isso, Cunha (2016, p. 24-25) apud OLIVEIRA e BARBOSA, s/d, p. 6), vem dizer que:

O diagnóstico precoce é o primeiro grande instrumento da educação. O que torna o papel docente fundamental, pois é na idade escolar, quando se intensifica a interação social das crianças, que é possível perceber com maior clareza singularidades comportamentais. Será sempre pertinente o professor ou a professora observar atentamente seu aluno, quando este apresentar algumas das seguinte características comportamentais: retrai-se e isolar-se das outras pessoas; não manter o contato visual; desligar-se do ambiente externo; resistir ao contato físico; inadequação a metodologias de ensino; não demonstrar medo diante de perigos; não responder quando for chamado; birras; não aceitar mudança de rotina; usar as pessoas para pegar objetos; hiperatividade física; agitação desordenada; calma excessiva; apego e manuseio não apropriado de objetos; movimentos circulares no corpo; sensibilidade a barulhos; estereotipias; ecolalias; ter dificuldades para simbolizar ou para compreender a linguagem simbólica; e ser excessivamente literal, com dificuldades para compreender sentimentos e aspectos subjetivos de uma conversa. (CUNHA, 2016, p. 24-25 apud OLIVEIRA e BARBOSA, s/d, p. 6).

Como o responsável direto pelo aluno, é de grande importância que ele tenha o conhecimento necessário para distinguir as características de um aluno autista. E ao ter ciência sobre o assunto, caberá a ele fazer o uso de metodologias necessárias para o desenvolvimento do estudante, que atrelado a outros quesitos podem fazer a diferença na formação do sujeito. Levando em conta que cada criança é única e possui um modo de aprendizagem diferente.

A família também pode fazer a diferença durante o processo de aprendizagem visando que o seu desenvolvimento aconteça de forma esperada. Ou seja, para que o aluno autista possa ter uma boa desenvoltura, é necessário ter a participação de todos os sujeitos que fazem parte do cotidiano da criança, isso porque a escola não consegue desempenhar esse papel de



forma isolada. Sendo assim, a parceria entre todos é fundamental para que a criança possa ter um bom processo de escolarização.

No entanto, como já havíamos dito anteriormente, a escola enfrenta todavia uma dificuldade em relação às metodologias que devem ser utilizadas com crianças com o espectro autista, e sobre isso, Brasil (1998, p. 36) apud Oliveira e Barbosa (s/d, p. 13), fazem a seguinte colocação:

O principal desafio da Escola Inclusiva é desenvolver uma Pedagogia centrada na criança, capaz de educar a todas, sem discriminação, respeitando suas diferenças; uma escola que de conta da diversidade das crianças e ofereça respostas, adequadas as suas características e necessidades, solicitando apoio de instituições e especialistas quando isso se fizer necessário. (BRASIL, 1998, p.36 apud OLIVEIRA e BARBOSA, s/d, p. 53).

Só nos resta como educador ficar atento com os nossos alunos para sabermos diferenciar o comportamento de um aluno com o espectro autista mesmo antes do diagnóstico, isso apenas com um olhar diferenciado. Já que para quem se relaciona de forma direta com a criança no dia a dia, ainda não é perceptível. Isso porque para a família há um certo receio em fazer essa descoberta e não saber como lidar com essa situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostrou que o transtorno do espectro autista (TEA) se caracteriza por ser um distúrbio do neurodesenvolvimento que causa prejuízos nas 3 áreas básicas do desenvolvimento humano, que são a sociabilidade, a comunicação, a linguagem e a flexibilidade mental. A vista disso, a criança com esse transtorno constrói seu conhecimento de forma bastante peculiar e restrita, ou seja o ambiente no qual ela está inserida precisar ser o mais favorável é rico de estímulo para que assim ela consiga avançar no processo de aquisição do conhecimento.

Diante disso, a escola é um ambiente concebível de fornecer estímulo e vivências relevantes para o desenvolvimento da criança autista o ajudando-a assim no seu amadurecimento pessoal e colaborando para a interação social ainda que seja um pouco limitado neste processo.

Visto que, a escola como sendo uma instituição formadora e que prepara o aluno para ser um sujeito social, oferecendo muitas possibilidades para que o discente consiga vencer os desafios e problemas que estão ao seu redor, e assim como vimos no decorrer desta pesquisa



é na escola que podemos ter os primeiros contatos com outros sujeitos, e com a sociedade como um todo, sendo estes momentos vividos em sala de aula, no entanto, preparar os estudantes pode se tornar um desafio para o docente que eventualmente, não tem o preparo adequado para trabalhar com crianças que possuem alguma especialidade, objetivando a sua inclusão em sala de aula, gerando assim impactos significativos na aprendizagem desta criança.

Sendo assim, um dos problemas enfrentados pelo docente no contexto escolar relacionado a inclusão de crianças autistas se resume a falta de conhecimento e preparo sobre como lidar com crianças com transtornos do espectro autista, o que conseqüentemente cria uma barreira entre o professor e o aluno, desencadeando assim, uma grande dificuldade no processo de inclusão desse indivíduos em sala de aula.

A vista disso, como se pode pensar em inclusão se aquele que é responsável por facilitar e de se pensar em uma metodologia que favoreça o processo de aprendizagem conhece tão pouco sobre as dificuldades que afligem seus alunos e principalmente aqueles que apresentam algum transtorno?. Dessa forma, portanto em função das várias reflexões concluímos que, os desafios enfrentados pelo docente com crianças atípicas são muitos, porém em sua grande parte está associado a falta de conhecimento na área, o apoio da escola nessa parte de formação continuada e o auxílio pedagógico de profissionais especializados que identifiquem o transtorno da criança, para que assim possam agir em conjunto e auxiliar no processo de inclusão deste aluno e contribuir na formação deste indivíduo.

Por fim, ressaltamos que o processo de inclusão de crianças atípicas é uma tarefa difícil, mas não impossível. Cabendo aos professores investir em formações continuadas com o intuito de adquirir saberes a fim de tentar suprir e atender as necessidades deste público sem causar prejuízos no processo de ensino. Como também a comunidade escolar agir em conjunto para que a inclusão seja realmente efetiva oferecendo o suporte necessário tanto na área pedagógica como na adaptação das suas instalações para receber estas crianças. Segundo Fávero (2004) reforça a ideia de que a inclusão é um desafio que, ao ser devidamente enfrentado pela escola comum, provoca a melhorias da qualidade da educação e superiores.

Em suma, a pesquisa sobre as dificuldades enfrentadas pelo professor com criança com TEA, evidencia os principais desafios acerca da inclusão e das metodologias adotadas em sala para com estes alunos, onde por muitas vezes se torna um trabalho árduo e enfadonho



pela falta de preparo e conhecimentos sobre o transtorno do espectro autista. Desta forma, as reflexões discutidas nesta pesquisa tem por finalidade contribuir de maneira significativa no estudo sobre meios que facilitem este processo de inclusão de alunos atípicos e que eles realmente seja incluídos de fato em contexto escolar e que o professor encontre meios para torná esse percurso prazeroso para ambas as partes

REFERÊNCIAS

BRASIL – Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: Portaria no 555/2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacaoespecial.pdf>>. Acesso em 23 de março de 2023.

CAMARGO, S. P. H; SILVA, G.L; CRESPO, R.O; OLIVEIRA, C.R; MAGALHÃES, S.L. DESAFIOS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO CONTEXTO INCLUSIVO: DIRETRIZES PARA FORMAÇÃO CONTINUADA NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 36, e214220, p.1-22, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100223&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2023.

CASTRO, Laís Amaral de. OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS EDUCADORES DIANTE DA INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR. Revista Interciência – IMES Catanduva - V.1, No8, dezembro 2021. Disponível em: <https://www.fafica.br/revista/index.php/interciencia/article/view/311>. Acesso em: 05 mar. 2023

CUNHA, Eugênio. Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar- ideias e práticas pedagógicas. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

DISTRITO FEDERAL. Senado. Projeto de Lei 5055/16 que dispõe sobre a educação inclusiva no projeto pedagógico das escolas. Disponível em: <https://cd.jusbrasil.com.br/noticias/720636450/comissao-aprovaproposta-que-promove-a-educacao-inclusiva>. Acesso em: 12 mar. 2023.



Educação inclusiva na prática : experiências que ilustram como podemos acolher todos e perseguir altas expectativas para cada um / organização Rodrigo Hübner Mendes. — São Paulo : Fundação Santillana, 2020

FERNANDES, A.V.; NEVES, J.V.A.; SCARAFICCI, R.A. Autismo, 2004. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1209418-Autismo-alisson-v-fernandes-joao-v-a-neves-e-rafael-a-scaraficci.html>. Acesso em: 12 de Mar. 2023.

GÓMES, Ana Maria Salgado. Transtorno de Aprendizagem e Autismo. São Paulo: Cultural, 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). Censo da Educação Básica 2019: Resumo Técnico. Brasília, 2020.

LEI No 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 18 mar. 2023

MAPELLI, L. D; BARBIERI, M. C; CASTRO, G. V. D. Z. B; BONELLI, M. A; WERNET, M; et al . Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 22, n.4, e20180116, 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000400232&lng=en&nrm=iso. Acesso em 12 Mai. 2023.

OLIVEIRA, Amanda Pedroso de; AMORIM, Jéssica Mhayb; BELLO, Adriane Weckelin . DESAFIOS DO PROFESSOR QUE TRABALHA COM ALUNO AUTISTA. UNIVAG.

2017. p. 1-14. Disponível em: <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/ped/article/view/316>. Acesso em 13 mar. 2023

OLIVEIRA, Lenny de. BARBOSA, Zenilda. DESAFIOS DO ENSINO APRENDIZAGEM DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Faculdade Multivix. pág. 1-19. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/desafios-do-ensino-aprendizagem-da-crianca-autista-na-educacao-infantil.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023

RAMOS,S.P. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Desafios e Possibilidades na Prática Docente. 2019. 47p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências: Biologia e Química). Universidade Federal do Amazonas- (UFAM), Humaitá.



RIVIÉRE, Ángel. Desenvolvimento psicológico e educação. In: COLL, César. Et al. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Carlos Rodrigo Ozuna dos, GRILLO, Jocimara Paiva. Desafios enfrentados pelos professores auxiliares da rede municipal de ensino no atendimento aos alunos com transtorno do espectro autista. Web Revista Linguagem, Educação e Memória. ISSN: 2237-8332 - V. 18, N. 18 - 2020 - pág. 78-89. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br>. Acesso em: 23 mar. 2023

SILVA, Ana Beatriz B. et al. Mundo Singular: Entenda o Autismo/ Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SOUSA DE SOUSA, Maria Josiane. PROFESSOR E O AUTISMO: DESAFIOS DE UMA INCLUSÃO COM QUALIDADE. 2015. Brasília. UNB. Págs. 1-34. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15847/1/2015_MariaJosianeSousaDeSousa_tcc.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023